



A C T A S D E L

VII

**S I M P O S I O
HISPANO-PORTUGUÉS
DE HISTORIA DEL ARTE**

**«Las relaciones artísticas entre España y Portugal:
Artistas, mecenas y viajeros»**

**Cáceres · Olivenza
3 al 6 de Noviembre de 1993**

Pedreiros galegos no noroeste português no século XVIII

MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA

(Universidade Portucalense)

I. INTRODUÇÃO GUIMARÃES

A relação da arte portuguesa do Norte do País com a Galiza encontra-se testada desde a Idade Média. Artistas e artífices vieram daquelas paragens para exercerem o seu labor em Portugal. A identidade geo cultural existente entre a Galiza e o Minho facilitaram, com toda a certeza, essa permuta.

Já no século XIV é possível assinalar a presença de artistas de origem estrangeira a prestar os seus serviços no Norte de Portugal concretamente em Guimarães. João Garcia está ligado à arquitectura vimaranense, a partir da segunda metade da centúria de trezentos, chegando a ocupar o cargo de vedor das obras do rei¹. Nesta cidade viveu com Constança Anes, e aí fixou residência. A sua actividade artística permitiu-lhe adquirir bens fundiários e propriedades, reveladores do prestígio que granjeou.

A permanência destes obreiros ao longo da história justifica a afirmação de que "os galegos não são estrangeiros em Portugal"².

Um dos sectores onde mais notada foi a sua presença prende-se à arquitectura.

Sendo o fluxo inverso do sentido migratório também verificável, como demonstrou Matos Reis na análise da actividade de uma família de pedreiros a laborar em Portugal e na Galiza³, o caudal dessas correntes pende, assimetricamente, para o lado português.

Comentários dispersos exarados na bibliografia antiga, se por um lado confirmam esta assimetria, como esclarece um autor do século XVIII:

"...terras incultas e despovoadas da Galiza trazem a Portugal passante de 20.000 galegos por lhes faltar ali trabalho"⁴;

por outro, testemunham o intercâmbio artístico entre a Galiza e o Minho, como sugere o autor galego José Figueira Valverde:

"En la arquitectura, el tipo de fuente redonda és una importación de los pedreros del Minho; la forma adoptada no se ha abandonado todavía"⁵.

O contributo fornecido pelos artistas do Norte Espanhol no domínio da arquitectura portuguesa, está perfeitamente demonstrado com a presença, a partir do início do século XVI, dos Biscainhos. De Norte a Sul do País deixaram o cunho da sua arte em obras que produziram escola no panorâma da arte de construir nacional. Se aqui os estudos efectuados esclarecem já genealogias de artistas e obras por eles realizadas, para os períodos seguintes pouco se conhece ainda da escala de influência directa da arquitectura galega na portuguesa, concretamente na do Noroeste de Portugal.

¹ CARVALHO, A. L.: Os Mesteres de Guimarães. Guimarães, vol. VII, Tipografia Oficina de S. José, 1951, p. 59.

² Idem - ibidem. p. 58

³ REIS, António Mlatos - Lopes - Uma Família de Artistas em Portugal e na Galiza, Viana do Castelo, 1989.

⁴ CARVALHO, A. L.: o. c., p. 60.

⁵ Idem - ibidem, p. 60.

Este trabalho não pode ser feito enquanto não houver um levantamento sistemático a partir de fontes arquivísticas.

São muitos os galegos que se dirigiam a Portugal no século XVIII, e regra geral, desempenhavam os serviços mais pesados, como criados, homens "de andar ao ganho", em suma mão-de-obra disponível para qualquer serviço⁶.

Antes de se olhar o elenco dos artistas que conseguimos apurar a prestarem o seu serviço na causa da arquitectura do Minho no período em foco, facamos alguma observações.

As últimas décadas de seiscentos e todo o século XVIII é assinalado no Minho por uma intensa actividade construtiva, patenteada em edifícios religiosos como civis. Igrejas, capelas, santuários de peregrinação e remodelação dos espaços conventuais testemunham a intensificação do fenómeno religioso, e a aplicação de uma gramática arquitectónica e decorativa que melhor exprimisse os desígnios da normativa tridentina.

A este fenómeno não é alheia "revitalização económica, ligada à extensão da cultura do milho e à chegada das primeiras remessas de ouro do Brasil"⁷.

Os palácios senhoriais, amplamente implantados no Norte do país, vêm, por este processo, a sofrer campanhas de novo labor arquitectónico. As casas urbanas ou rurais são igualmente um alvo à espera de intervenções que proporcionassem ao seu proprietário uma exibição social do seu poder económico, através de uma arquitectura de fachada.

O Brasil ofereceu-se aos minhotos como terra ideal para alcançarem proventos rápidos, o que viria a acontecer em muitos casos, tendo como reflexo a valorização da arquitectura da sua terra natal.

Enfim, uma política económica favorável à construção arquitectónica, para a qual a resposta dos artistas locais não era suficiente.

Esta situação justifica o contingente de artistas galegos que foi possível detectar a trabalhar no Minho no século XVIII.

É curioso salientar que só a partir da década de 40 é que os nomes dos artistas galegos vão surgindo numa sequência ritmada, alargando-se, depois, a sua acção por todo o restante século, entrando ainda na centúria seguinte⁸.

Grande percentagem das obras encetadas por estes pedreiros ligam-se a casas de habitação, muitas das quais residências paroquiais.

Sob o ponto de vista dos encomendantes de obras seriam, as confrarias e Ordens Terceiras os seus potenciais solicitadores, para os quais alargaram e construíram capelas, sacristias e campanários, entre outras obras.

Quanto à sua relação com a obra, assumiram quase sempre o papel de executantes, cabendo o risco, caso a empreitada o justificasse, a artistas locais.

Foi possível evidenciar duas famílias de pedreiros galegos cuja actividade se desenvolve em Braga, Guimarães e Porto, cujos membros se podem associar entre si para a arrematação das empreitadas.

Da inserção destes homens na comunidade local, cremos, foi feita sem grandes obstáculos. Neste aspecto é curioso atentar no dote de casamento de um artista galego para desposar uma viúva bracarense; e também nas associações que se fazem entre pedreiros galegos e portugueses a concorrem à mesma obra. Estes elementos são reveladores da sua aceitação no meio social coevo.

⁶ FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B.: O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas, Porto, vol. I, 1988, pp. 7-8.

⁷ GANDRA, Manuel Joaquim - Guimarães, in 'Dicionário da Arte Barroca em Portugal', Lisboa, Presença, 1989, p. 217.

⁸ CARVALHO, A.L.: o.c., pp. 64-66.

2. OS ARTISTAS E AS OBRAS

2.1. *A família carvalho*

São quatro os membros de uma família que se radica em Guimarães, exercendo a actividade de pedraria por toda a segunda metade de setecentos. Os laços familiares que os unem são irmãos, filho, e cunhado, e os nomes Vicente José de Carvalho, irmão de André de Carvalho, pai de João Manuel de Carvalho e cunhado de Francisco Portela. Não trabalham todos em conjunto na mesma obra, fazendo diferentes associações entre si. Vejamos os elementos fornecidos por A.L. de Carvalho:

A primeira referência que fornece é sobre Vicente José de Carvalho, que contrata em 1750 uma obra de pedraria para as religiosas do Carmo de Guimarães⁹; "Em 1782 vemos mestre Vicente e seu filho Manuel votados à construção da torre da igreja de S. Dâmaso. Neste mesmo ano mestre Vicente surge-nos associado no levantamento da Casa do Cabido com seu filho e mais seu cunhado, de nome Francisco Portela, também do "reino da Galiza". A capela-mor e sacristia da igreja de S. João de Brito tiveram como seus construtores os irmãos galegos André de Carvalho e Vicente Carvalho (...). Em 1773 o mestre galego Vicente de Carvalho toma o encargo de continuar a construção da igreja dos Santos Passos"¹⁰.

Na construção desta igreja trabalhou ainda, em 1789, João Manuel de Carvalho realizando a escadaria e balaústrada exterior¹¹.

2.2. *CASTRO, Francisco de - Mestre pedreiro*

Sendo colocada em praça pública a obra de pedraria da casa paroquial da freguesia de S. Tiago de Ourilhe, do concelho de Celorico de Basto, foi arrematada por José Machado. Posteriormente, em Agosto de 1749, trespassa a empreitada a dois mestres pedreiros galegos: Francisco de Castro, da freguesia de Santa Maria de Águas Santas, e a Pedro Ribas, da freguesia de S. Miguel do Carvalhido, ambos de Pontevedra.

A obra discriminada no contrato era fazer "hum coarto de vinte e dois palmos em coadro em bazio e vinte e dois palmos de alto com suas janellas e portas e escada"¹².

2.3. *CASTRO, José de - Pedreiro*

Sendo natural do "reino da galiza", era assistente em 1772 na freguesia de Rio Mau, Vila do Conde, quando assumiu por trespassa a obra de pedraria da residência paroquial de Santo Estevão de Boalhosa, Ponte de Lima.

Posta a lanços a casa de residência, no que concerne a pedraria e carpintaria, foi arrematada, pela menor oferta, por Manuel da Costa, carpinteiro, morador na Rua da Ponte de Guimarães, da cidade de Braga. Por incompatibilidade de ofício trespassa as obras de pedraria que se pretendiam fazer na referida casa - 1772, Novembro, 9 - a José de Castro, pedreiro galego, pela quantia de trinta mil réis, pagos em tres fracções. O pedreiro dispunha de cerca de tres meses para dar o trabalho por acabado¹³.

⁹ CARVALHO, A. L. de o.c., p. 62.

¹⁰ Idem - ibidem, p. 62

¹¹ Idem- ibidem, p. 63.

¹² Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.)ç Nota Geral, la série, n. 712, fls. 444v. Este documento é referido por SMITH, Robert C. A Casa da Câmara de Braga (1753-1756), Separata da Revista BRACARA AUGUSTA, vol. XXII, fasc. 51-54, Braga 1968, p. 23, nota 48.

2.4. *ERMIDA, António da - Mestre pedreiro*

A 15 de Abril de 1787 foram postas a lanços obras de pedraria nas casas dos caseiros, dos Passais de S. Tiago de Lordelo, anexa a Santa Cristina de Longos, Guimarães. O empreendimento é assumido por António da Errnida, mestre pedreiro "natural do reino da Galiza" e a residir em Vila Nova de Sande, Concelho de Guimarães. Pela quantia de trezentos e dezasseis mil réis o mestre obriga-se a dar a obra "feita e acabada dentro em doze mezes proximos seguintes"¹⁴.

2.5. *A FAMÍLIA FARTO*

São três artistas unidos, possivelmente por laços familiares, ligação essa acusada pelos nomes que usaram. Não conseguimos obter através da documentação notarial que trabalhamos qualquer referência sobre o grau de parentesco da relação entre os três. A mesma incerteza que nos acomete foi também demonstrada por Robert Smith, que quando apurou dois desses nomes deu como certa a sua comum linhagem familiar¹⁵. Dois deixam a marca da sua intervenção artística apenas em Braga e em Guimarães, cada qual somente num desses locais. Do terceiro membro, aquele que acusa uma obra mais intensa - Cristóvão José Farto -, são conhecidas intervenções em Braga e no Porto.

2.5.1. *FARTO, Amaro José - Mestre pedreiro*

Em 1749 surge a primeira referência sobre a actividade deste mestre pedreiro. A obra que aceitou fazer para o Padre de Santa Maria do Souto, do Termo de Guimarães, foi "tres cazas continuadaz citas no asento da sua rezidencia de que he abbade", pelo preço de noventa e sete mil e seiscentos réis¹⁶. Sendo "natural do reyno da Galiza", como esclarece o contrato tabeliônico, era "asestente na Rua de Sam Domingoz", em Guimarães.

Das condições que lhe foram impostas e da descrição das obras retiramos os dados de maior relevo expressos no documento:

- Duas casas "serão de vinte e hum palmoz de largura das trabes para baixo"; a terceira casa teria apenas "dezasete palmos de largo" por quarenta de comprido. Todas teriam a mesma altura que era de vinte e sete palmos.
- As paredes exteriores seriam de alvenaria "desbastada a pico grosso e ajuntourada a cada sinco palmos pela regra de sinco". Quanto às paredes interiores "serão de toda a qualidade de pedra para se poderem cayar".
- No conjunto das três casas far-se-iam catorze portais, cinco com a função de janela, e os restantes como portas. A pedra para estes portais foi cortada pelo mestre António Lemos, cabendo tão somente a Amaro José Farto a sua aplicação.
- Foi seu fiador Vicente Rodrigues, mestre ferreiro de Guimarães.

¹³ A.D.B. Nota Geral, la série, n.º 800, fls. 177v-178.

¹⁴ A.D.B. Nota Geral, la série, n.º 845, fls. 60v-61v.

¹⁵ A propósito de Cristóvão António Farto afirmou: "Assim escreveu o seu nome no contrato, provando-se portanto pessoa distinta de Cristóvão José Farto, possivelmente seu irmão, pai ou filho". SMITH, Robert C.- A Casa da Câmara..., p. 22, nota 43.

¹⁶ Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (A.M.A.P.), Guimarães - Notarial 885, fls. 75 78.

Este documento está citado no trabalho de SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de A Arte e os Artistas em Guimarães no Séc. XVIII (1734-1788), Trabalho policopiado apresentado como Seminário de Licenciatura do Curso de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, Porto, 1993, p. 143.

No ano seguinte encontrava-se ainda a residir em Guimarães, mas em nova morada: "Rua da Ramada do Campo da Feyra, extramuros desta Villa". Fornece este esclarecimento quando vai à presença do tabelião para assumir compromisso com a Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, de Guimarães, de lhes continuar com as obras de pedraria que vinham fazendo na sua capela. Do seu encargo seria a construção da capela mor¹⁷.

Amaro José Farto seguiria a "planta que havia da obra da dita cappella no que respeita asima declarado da cappella mor" e os apontamentos que os Terceiros lhe forneceram. O contrato não descreve a obra a realizar. Sabe-se que o custo desta empreitada elevou-se a "seiscentos e sesenta mil reis" liquidados em tres pagamentos, com a condição da Ordem colocar junto da obra "por sua conta cento e sincoenta carros de pedra fina", quebrada no monte à custa do mestre pedreiro.

Deram lhe três anos para concluir a empreitada, mas se a Mesa da ordem conseguisse meios para lhe liquidar a totalidade da obra antes do término do prazo, ele seria obrigado a ajustar a conclusão da capela-mor ao último pagamento.

Amaro José Farto juntamente com Vicente José Carvalho, igualmente mestre pedreiro galego cuja obra tivemos já oportunidade de salientar, contratam, em 1754, a obra da frontaria da casa de Rodrigo de Sousa Lobo, abade de Santa Comba de Regilde. A casa que sofreu remodelação da sua imagem exterior situava-se em Guimarães na Rua da Sapateira. Os pedreiros executaram a obra segundo a planta "que receberam das mãos do brazonado e sacerdote Sousa Lobo"¹⁸.

Em 1767 Amaro José Farto juntamente com Miguel Pinto, também mestre pedreiro, obrigam-se à obra que Manuel da Costa quer fazer numas casas que possui na Rua do Carro, em Guimarães, que estavam "aruynadas e danificadas" careciam de reedificação¹⁹. Depois de visitarem pessoalmente as casas elaboraram os apontamentos "para por elles seguirem para a factura da obra das ditas cazas". Os apontamentos foram, como vimos, da responsabilidade dos mestres pedreiros. Parece, pela leitura do contrato, que estes evitaram a planta.

Em Julho do ano em curso daria o trabalho terminado, à custa do qual receberiam cento e quinze mil réis.

Se na década de quarenta se encontrava já em Guimarães a oferecer os seus serviços, com a condição de assistente na vila, e com a referência explícita da sua origem, já nos anos sessenta esta situação não é referida na documentação, surgindo ao lado de artistas locais sem qualquer timbre de distinção.

A integração e assimilação estava completa. Mais ainda, em 1763 é alguém reconhecido com credibilidade no meio, funcionando como testemunha de um contrato estabelecido entre a Ordem de santo António dos Capuchos e os mestres pedreiros Bernardo José da Silva, Vicente de Carvalho e António Correia Vale para construção de novo dormitório²⁰.

2.5.2. FARTO, Cristovão António - Mestre pedreiro

Cristovão António Farto, "mestre de pedraria natural do Reino da Galiza, assistente nesta cidade" de Braga, foi contratado pelo Reitor do Colégio de S. Paulo, em 6 de Julho de 1757, para "acabar de fazer a obra de pedraria que esta por fazer da Senhora da Torre deste dito Colejo"²¹. Como reconhecimento à Virgem por ter protegido a cidade de Braga do terramoto de 1755, os Padres jesuítas mandam construir a Capela de Nossa Senhora da Torre.

¹⁷ A.M.A.P.- Notarial 983, fls. 10v-13.

Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 143.

¹⁸ CARVALHO, A. L. - o.c., p. 82.

¹⁹ A.M.A.P.- Notarial 929, fl. 21-22. Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 144.

²⁰ A.M.A.P.- Notarial 1044, fls. 40-42v.

Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 144.

As obras de pedraria naquela capela iniciaram-se pela mão de Francisco que em 18 de Novembro de 1756 lavra contrato de desistência.

Entretanto este novo mestre deveria continuar e acabar a obra, à qual os Padres introduziram algumas alterações, relativamente ao projecto inicial: as pirâmides e "o ser lavrada a cornige pella parte de dentro" não se executariam. Em contrapartida o mestre era obrigado a "por coatro gargollas de pedra feitas de modo que comrespondão com a mesma obra". Por tudo receberia cento e quinze mil réis, com a condição de dar a capela pronta até Novembro de 1758.

2.5.3. FARTO, *Cristóvão José - Mestre pedreiro, mestre escultor*

São muitas as intervenções documentadas de Cristóvão José Farto na arquitectura do Norte de Portugal. Oriundo da freguesia de Santa Maria de Monvente, Termo de Pontevedra, residia, em 1758, na Rua de Santo André; dois anos depois já o encontramos com morada no Campo da Vinha; e em 1767 apresenta-se "morador nas Agoas desta cidade". Estas três residências teve-as na cidade de Braga.

Em 1769 deve ter deixado esta cidade e desloca-se mais para Sul onde o encontramos a prestar serviços na cidade do Porto.

Embora a documentação o apresente geralmente como mestre pedreiro, podemos vê-lo a desenvolver, em vários momentos da sua actividade, a arte da escultura. No Porto a nota de pagamento dos serviços prestados denomina-o escultor.

MOMENTOS DA SUA ACTIVIDADE:

1756 - Casa da Câmara de Braga²²

Faz as esculturas que encimam dois portais interiores da Casa da Câmara de Braga, onde se encontram representadas as pedras de armas de D. José de Bragança.. Um deles é rematado pelas insígnias reais e o outro pelas arcebispaes. Neste trabalho seguiu o risco de André Soares da Silva²³.

1758 - Capela de Santa Maria Madalena da Falperra- Braga²⁴

Depois de vários meses que a Irmandade da Falperra trazia a pregão em praça pública a obra dos pátios em frente à capela, o trabalho foi arrematado por Cristóvão José Farto. A empreitada abrangia três pátios riscados por André Soares da Silva, que paralelamente orientaria a actividade do mestre pedreiro²⁵.

1760 - Bom Jesus do Monte - Braga²⁶

Cristóvão José Farto juntamente com António Ferreira contratam fazer uma capela no Santuário do Bom Jesus, no Terreiro dos Evangelistas. Este novo edifício devia ficar igual ao que "estão acabando os mestres Antonio dos Santos e Manoel Vivaz". Segundo Smith esta obra foi riscada por André Soares

²¹ A.D.B. - Nota Geral, 1.ª série, n. 742, fls. 162-162v.

Citado por SMITH, Robert C. - o.c., p. 22, nota 48.

²² SMITH, Robert C. - o.c., p. 20.

²³ Idem-ibidem, p. 20.

²⁴ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - A Capela de Santa Madalena do Monte da Falperra, de Braga, a luz da documentação notarial, Separata da Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, vol. V, Porto, 1990, pp. 237 e 253.

²⁵ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - As Capelas de Santa Madalena do Monte da Falperra - Nova Abordagem, Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Historiadores de Arte, Lisboa, 1992, No Prelo.

²⁶ SMITH, Robert C. - o.c., p. 20.

1761 - Bom Jesus do Monte - Braga

Cristóvão José Farto e António Ferreira continuam os trabalhos no Terreiro dos Evangelistas²⁷.

1762- 1765 - Bom Jesus do Monte - Braga

Neste triénio os Termos da Confraria do Bom Jesus do Monte acusam que Cristóvão José Farto e António Ferreira foram processados pela confraria por terem abandonado a construção da capela de Emaús, no Terreiro dos Evangelistas, para arrematarem outras obras²⁸.

1763 - Capela de Santa Maria Madalena da Falperra - Braga

Assume fazer para a Irmandade de Santa Maria Madalena da Falperra, uma série de capelas para colocação dos Passos da Santa. Posta a lanços a obra, além deste mestre pedreiro candidatou-se também Paulo Vidal que perdera o ramo, visto a sua oferta ser mais elevada que a do mestre galego²⁹.

1767 - Capela de Santa Maria Madalena da Falperra - Braga

Em sistema de parceria, ao lado de Cristóvão José Farto estão Narciso Garcia, do termo do Porto Jacob Passos e Custódio de Passos, pai e filho, de Braga, para fazerem as obras de beneficiação de um dos lados da capela. Pretendia-se que a capela ficasse "na forma do arranjo do lado oposto". O preço acertado foi de trezentos e setenta mil réis, com a condição da obra estar concluída "athe dia de Todos Santos" do ano em curso³⁰.

1769 - Porta do Sol - Porto

Encontrá-mo-lo a trabalhar na ornamentação da Porta do Sol, no Porto. É a única intervenção que lhe conhecemos fora da esfera de Braga. Depois desta data perde-se o rasto. Como chegou ao Porto? A ligação com Narciso Garcia na obra da Falperra pode servir de pretexto. Na Porta do Sol trabalha as armas reais para serem colocadas no tímpano exterior da porta, e para a parte correspondente do interior esculpiu um sol. Na nota de pagamento, publicada por Joaquim Jaime B. Ferreira Alves, aparece nomeado com o cargo de escultor³¹.

2.6. FELGUEIRAS, Tomás - Mestre pedreiro

Tomás Felgueiras, "mestre pedreiro de Naçam Galega, natural da Villa de Pontevedra", fez, em 1740, para os Padres Dominicanos de Guimarães um arranjo na sua igreja conventual³².

A obra a realizar incidia sobre a capela-mor que se pretendia alargar, "para a melhor conformidade da mesma igreja", por ser pequena a que então existia e não se poder celebrar os officios divinos "com toda a beleza que se deveria fazer". Basicamente o mestre faria o arco da capela-mor, alargava as frestas das paredes da capela, uma porta num dos lados da capela, dois arcos, um de cada lado, "para nelles se poderem acomodar a seu tempo os orgos", e ainda um arco tosco para a tribuna.

²⁷ Idem- ibidem. p. 20.

²⁸ Idem - ibidem, p. 21, nota 47.

²⁹ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - As capelas de Santa Madalena..., no Prelo.

³⁰ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da - A Capela de Santa Madalena do Monte ..., p. 258.

³¹ FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B.- O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1988-1990, vol. I, p. 227; vol. II. 442.

³² A.M.A.P. -Notarial 842, fl. 43v-44.

Citado por SOUSA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 144.

Por toda a obra receberia duzentos mil réis, dando-lhes os Padres toda a pedra da capela velha.

2.7. GONÇALVES, Francisco - Mestre pedreiro

A Confraria do Subsino da freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, Guimarães, resolve promover a construção de uma nova igreja paroquial. Para tanto coloca a obra a lanços. A menor oferta foi de Francisco Gonçalves, do Reino da Galiza.

O contrato, datado de 31 de Janeiro de 1742³³, esclarece o teor da obra:

"ha-de ter esta igreja de comprido em desbam, setenta e cinco palmos e de largo por dentro em desbam trinta palmos, e de alto vinte sete, de soleiras acima com seus cunhais apillarados, com suas vazias e capiteis compostos com seu arco de catorze palmos de largo. E a igreja com sua cornije de papo de rolla com seu frizo, e suas piramides e suas cruces, e ha-de levar coatro frestas, duas de cada parte de sete palmos de alto e três de largo appilaradas por dentro e por fora". Na fachada levaria "seu ocollo redondo apillarado", por cima da porta principal. Além desta porta, o mestre faria mais duas travessas. Em cada uma, plea parte de dentro, se colocaria uma pia de água-benta. Quanto ao púlpito, aproveitava-se o da igreja velha, recaindo sobre o mestre a obrigação de fazer por sua conta a escada para subir ao mesmo, "metida na parede em desbam". Deixaria ainda feita a porta para "se entrar no coro", que mais tarde se faria.

Na execução da obra Francisco Gonçalves seguiria a planta e apontamentos que lhe forneceram. Pelo seu trabalho receberia setenta mil réis, caso fizesse a obra até ao fim do mes de Setembro do ano em curso.

2.8. GRANA, Silvestre da - Mestre Pedreiro

Várias são as referências que dispomos da actividade do mestre pedreiro Silvestre da Grana, natural de "Sam Pedro de Tenorio, Termo da Villa de Pontevedra, Reino da Galiza", e a residir em Guimarães na Rua da Caldeiroa.

Um contrato notarial lavrado em Guimarães a 31 de Outubro de 1737³⁴ esclarece que João Pinto de Queirós tendo rematado na Casa do Despacho da cidade de Braga, a obra da capela de S. Bartolomeu de Aveleda, acerta-se agora com Silvestre da Grana para este materializar a obra, obrigando-se a fazê-la segundo as plantas e apontamentos que lhe forneceu.

O compromisso não teve efeito, uma vez que o documento não está assinado.

A situação que precedeu este compromisso é em tudo idêntica a uma outra de 1743³⁵: o carpinteiro António de Macedo arrematou "cidade de Braga a obra de carpintaria e pedraria das cazas de residencia de São Salvador do Abeleda"; entretanto ajusta-se com Silvestre da Grana "de que elle haja de fazer a dita obra de pedraria na forma da mesma planta e apontamentos que lhe tinha mostrado". Receberia pela empreitada sessenta mil réis.

No mesmo ano encontramos-lo ainda presente na "obrigação a obra de pedraria que faz Sylvestre da Grana a Ordem Terceira de S. Francisco desta villa de Guimarães"³⁶. Andando a

³³ A.M.A.P.- Notarial 637, fls. 83v-85. Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 147.

³⁴ A.M.A.P. Notarial 628, fls. 194v-195.

³⁵ A.M.A.P. Notarial 638, fls. 138-139v.

Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 147.

³⁶ A.M.A.P. Notarial 795, fls. 135-136v.

Citado por SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de - o.c., p. 147.

lanços a obra da "caza da sãochristia e antesanchristia e toda a capella mor", a oferta mais baixa foi deste mestre que atingiu os "seiscentos e sincoenta e sinco mil reis". Na obra seguiria quatro plantas e os apontamentos nelas declarados. No final a obra seria vista por mestres de pedraria para indagar se Silvestre da Grana cumpriu os riscos.

2.9. GRACIAS, João - Mestre pedreiro

A Irmandade de Nossa Senhora do ó e de S. Miguel, de Braga, contrata, em 24 de Março de 1756, João Gracias, "mestre de pedraria natural do Reino de Galiza e assistente nesta cidade" para lhe fazer a "samchristia para a dita capella e caza da Meza da Irmandade na forma da planta e apontamentos que se fizerão".

Possuindo capela própria já construída, este mestre galego encarrega-se da edificação da sacristia e da casa para reuniões da Irmandade. O confrades impuseram como condição do preço ajustado do custo da obra - oitenta e um mil réis - a obrigação de concluir o trabalho "the dia de Santo Anjo proximo vindouro". Esclarecem ainda que "pello acessimo que depois de feita a dita planta detreminarão elles Senhores da Meza se lhe daria mais três mil e seiscentos reis"³⁷.

2.10. LOURENÇO, PEDRO - Mestre pedreiro

Sendo natural do Reino da Galiza, desenvolve a sua actividade artística em Guimarães, na segunda metade do século XVIII, onde fixou residência na Rua da Travessa. Retiramos as informações sobre este mestre pedreiro de A. L. de Carvalho:

Pedro Lourenço "foi um desses pedreiros galegos que no século XVIII por cá se deixou ficar, podendo dele registrar-se uma actividade que abrange um período de trinta anos. Trabalhou, entre outras obras, na construção do corpo da Misericórdia, suas sepulturas e arco do coro; fez as capelas-mores das igrejas de S. Sebastião e Recolhimento do Anjo; arrematou, em 1767, a obra da igreja dos Santos Passos. Finalmente, em 1791, contrata a frontaria e conclusão da capela da Ordem de S. Domingos"³⁸.

2.11. MOLDES, Jacinto - Mestre pedreiro

Jacinto Moldes, mestre pedreiro, morador na freguesia de Santo André de Geba, da Galiza e assistente em 1718 na cidade de Braga, assume fazer para Francisco Ribeiro um arranjo na sua casa, cita no Campo das Hortas. O contrato não esclarece o teor da obra a realizar³⁹.

2.12. PASSOS, António de - Pedreiro

António de Passos, "pedreiro natural do Reino da Galiza e morador na Rua Nova do Bico" de Braga, faz dote, em 1746, para casar com a viúva Luísa Antónia Barros, moradora no Campo de Santa Ana⁴⁰.

³⁷ A.D.B.- Nota Geral, 1.ª série, n.º 737, fls. 72-72v.

³⁸ CARVALHO, A. L. de - o.c., p. 61.

³⁹ A.D.B.- Nota Geral, 1.ª série, n.º 567, fls. 148- 149.

⁴⁰ A.D.B - Nota Geral, 1.ª série, n.º 700, fls. 149v-150. Citado por SMITH, Robert C.- o.c., p. 23, nota 48.

2.13. REAL, Marcos de - Mestre pedreiro

Marcos de Real, mestre pedreiro do Reino da Galiza, arremata, em Agosto de 1767, a obra de pedraria que se pretende fazer na Igreja do Divino Salvador de Fontarcada, no concelho de Póvoa do Lanhoso.

O Cónego Luís Correia da Silva, mandando fazer novamente o "campanario que esta aruinado e tem três sinos", da igreja de Fontarcada, e ainda a "escada encostada ao mesmo campanario com patio e muro defronte de Santa Luzia, da mesma freguesia e a parede que vai per junto da estrada de Asento para o Passal da mesma freguesia", a empreitada foi tomada por Marcos de Real, como vimos, pelo preço de setenta mil réis.

Na ocasião que o mestre pedreiro toma esta obra encontrava-se a trabalhar no Santuário de Nossa Senhora de Porto d'Ave, como refere explicitamente o documento: "Marcos de Real, mestre pedreiro natural do Reyno da Galiza e de presente assistente no Santuario de Nossa senhora de porto de Ave"⁴¹.

2.14. RUIVALES, Marcos - Mestre pedreiro

Posta a pregão a "calsada e paredão do Sanctuario de Nossa Senhora do Porto de Ave que principia desde a cansella que esta defronte da casa de João Ribeiro athe a porta da capella principal da mesma Senhora", o menor preço foi de Bento Luís da Costa, mestre pedreiro de S. Miguel de Taíde, em parceria com Marcos Ruivales, "do Reino da Galiza mestre pedreiro assistente na freguesia de São Martinho de Trabassos, e ambos do concelho de Lanhoso". Para o compromisso lavram contrato notarial em Dezembro de 1766⁴².

Serão Marcos de Real e Marcos Ruivales ambos a mesma pessoa?

Sabemos que Marcos de Real se encontrava a trabalhar neste Santuário em 1767, como prova o compromisso que então fez para obra de pedraria em Fontarcada. Nesse documento assina o seu nome, que claramente se lê Marcos de Rial.

Nesta obra que assume Bento Luís da Costa com Marcos Ruivales, o mestre galego não assina, não se encontrando, portanto, fisicamente na instância notarial. Terá má informação de Bento da Costa, ou deturpação do próprio notário? Acreditamos que ambos os nomes se refiram a uma única pessoa, ou então estarmos perante uma situação de coincidência.

2.15. RIBAS, Pedro de - Mestre pedreiro

Ver CASTRO, Francisco de.

2.16. VALEIA, Pascoal - Mestre pedreiro

Pascoal Valeia, mestre pedreiro "do lugar da Borella da freguesia de São Martinho de Borella, concelho de Coloval, Reino da Galiza", arremata, em 1749, as obras de pedraria e carpintaria da casa paroquial de Alhariz, concelho de Valpaços. Para tanto, os Cónegos de Braga, responsáveis pela sua fábrica, fornecem-lhe a planta e apontamentos que ele deveria seguir na execução das obras. O preço total foi de "coatrocentos e corenta mil reis"⁴³.

⁴¹ A.D.B. - Nota Geral, 1.ª série, n.º 781, fl. 74v.

⁴² A.D.B. - Nota Geral, 1.ª série, n.º 778, fls. 164v-165v.

⁴³ A.D.B. - Nota Geral, 1.ª série, n.º 711, fls. 54-55.

3. CONCLUSÃO

Robert Smith apontou já uma relação de dependência estética entre a arquitectura do Minho e a do Norte de Espanha, nomeadamente ao nível das formas ornamentais. São suas as palavras que se seguem:

"Onde encontrar a origem deste estilo, plano e minuciosamente envolvido, a não ser em Espanha, onde, no primeiro quartel do século XVII, grassavam por todo o país motivos e técnicas parecidas, sobretudo nos trabalhos de Alberto Churriguera (1676-1750) em Salamanca? Este paralelismo com idênticos procedimentos espanhóis caracteriza Braga em várias épocas. Abriu-se o século XVI com a presença dos biscainhos, que trabalharam na ábside da Sé, e na primeira metade de Setecentos veio da Galiza não sómente respeitável contingente de pedreiros, como organeiros e modelos de caixas de órgão"⁴⁴.

Aceitando as afinidades entre as arquitecturas das duas margens do Rio Minho, embora a portuguesa tenha sido projectada basicamente por artistas locais, parece que essa proximidade de formas ficou muito a dever ao contributo galego.

Devemos ainda acrescentar, até para reforçar e dar maior credibilidade ao exposto, que muitos projectos de André Soares Ribeiro, o destacado arquitecto de meados de setecentos, são executados por artistas galegos, ou em parceria com artistas portugueses. Veja-se o exemplo das capelas do Terreiro dos Evangelistas no Santuário do Bom Jesus de Braga, a casa da Câmara da mesma cidade, os pátios da capela de Santa Maria Madalena do Monte da Falperra, ou a Igreja dos Santos Passos em Guimarães.

Se formalmente a arte de André Soares se relaciona com a arquitectura galega, parece evidente a intencionalidade na escolha de mão-de-obra experimentada com aquelas formas, para concretizar os seus projectos.

Este é um pequeno apontamento sobre as perspectivas que pretendemos incutir ao trabalho no futuro. Para já ficou o levantamento incompleto de pedreiros Galegos no Noroeste Português no século XVIII.

⁴⁴ SMITEI, Robert C. - Frei José de Santo António Ferreira Vilaça- Escultor Beneditino do Século XVIII, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 178.

PEDREIROS GALEGOS - FAMÍLIA FARTO

ARTISTA	OBRA (segundo informação documental)	DATA	CONCELHO (Local da obra)
FARTO, Amaro José	Construção de três casas para residência paroquial de Santa Maria do Souto	1749	Guimarães
	Construção da capela-mor da capela da Ordem Terceira de S. Domingos	1750	Guimarães
	Frontaria de casa urbana na rua da Sapateira (trabalho realizado com Vicente de Carvalho)	1754	Guimarães
	Reedificação de casa urbana na rua do Carro	1767	Guimarães
FARTO, Cristóvão António	Compromete-se acabar a construção da capela de Nossa Senhora da Torre	1757	Braga
FARTO, Cristóvão José	Esculpe as pedras de armas da casa da Câmara (risco de André Soares)	1756	Braga
	Arremata a empreitada dos pátios e escadórios de Santa Madalena da Falperra (risco de André Soares)	1758	Braga
	Construção da capela de Emaús no Terreiro dos Evangelistas do Santuário do Bom Jesus	1760-1765	Braga
	Capelas para os Passos de Santa Madalena no Monte da Falperra (risco de André Soares?). Esta obra não se efectuou	1763	Braga
	Arranjo exterior da capela de Santa Madalena da Falperra	1767	Braga
	Esculpe as pedras de armas na Porta do Sol	1769	Porto

PEDREIROS GALEGOS

ARTISTA	OBRA (segundo informação documental)	DATA	CONCELHO (Local da obra)
CASTRO, Francisco	Acrescento na casaparoquial de S. Tiago de Ourilhe	1749	Celorico de Basto
CASTRO, José de	Construção da casa paroquial de Santo Estevão de Boalhosa	1772	Ponte de Lima
ERMIDA, António da	Passais de S. Tiago de Lordelo	1778	Guimarães
FELGUEIRAS, Tomás	Alargamento da capela-mor da igreja do convento de S. Domingos	1740	Guimarães
GONÇALVES, Francisco	Construção da igreja de Santa Leocádia de Briteiros	1742	Guimarães
GRANA, Silvestre da	Construção da capela de S. Bartolomeu de Aveleda. O contrato não teve efeito	1737	Guimarães
	Construção da casa paroquial de S. Bartolomeu de Aveleda	1743	Guimarães
	Executa a construção da sacristia, ante-sacristia e capela-mor da Ordem Terceira de S. Francisco	1743	Guimarães
GRACIAS, João	Sacristia e casa do Despacho da Irmandade de N.ª Sr.ª do Ó e S. Miguel	1756	Braga
LOURENÇO, Pedro	Trabalha em várias obras em Guimarães: - Construção do corpo e do coro da igreja do Misericórdia. - Capela-mor da igreja de S. Sebastião. - Capela-mor da igreja do Recolhimento do Anjo. - Arremata, em 1767, a construção da igreja dos Santos Passos. - Fez, em 1791, a frontaria da capela dos Terceiros de S. Domingos.	2.ª metade do séc. XVIII	Guimarães
MOLDES, Jacinto	Arranjo em casa urbana no Campo das Hortas	1718	Braga
REAL, Marcos de	Constrói o campanário e outros pequenos arranjos na igreja do Divino Salvador de Fontarcada	1767	Póvoa do Lanhoso
	Trabalha no Santuário de N.ª Sr.ª de Porto d'Ave	1767	Póvoa do Lanhoso
RUIVALES, Marcos	Trabalha na calçada e paredão do Santuário de N.ª Sr.ª de Porto d'Ave	1766	Póvoa do Lanhoso
RIBAS, Pedro de	Faz, juntamente com Francisco de Castro, um acrescento na casa paroquial de S. Tiago de Ourilhe	1749	Celorico de Basto
VALEIA, Pascoal	Arremata as obras de pedraria e carpintaria da casa paroquial de Alhariz	1749	Valpaços